UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

EDUARDO RODRIGUES DOS SANTOS

ÁNALISE DE INDICADORES DO PERFIL DOS JOVENS “NEM-NEM” NO BRASIL EM 2022

São Paulo

2023

EDUARDO RODRIGUES DOS SANTOS

ÁNALISE DE INDICADORES DO PERFIL DOS JOVENS “NEM-NEM” NO BRASIL EM 2022

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade São Judas Tadeu, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Vladimir Sipriano

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda instituição São Judas que me ofereceu os conteúdos e profissionais necessários para a melhor execução do artigo, ao meu orientador Vladimir Sipriano, aos meus professores em todos estes semestres passados, meus amigos feitos durante a jornada que compareceram aos meus grupos de trabalhos e discussões que geraram evolução, ao meu filho que me inspirou a escolher este tema e a questionar mais ainda o futuro do país e das próximas gerações, a minha família que se manteve forte e compreensiva em toda a entrega que eu tive, a minha namorada Bárbara Sarmento que me deu todo apoio na construção das principais ideias e reflexões necessárias para finalizar o trabalho, a meu amigo Eduardo Lima que me trouxe um direcionamento assertivo em minhas pesquisas, aos meus amigos que me deram o apoio moral necessário a tornar possível a execução deste artigo de forma individual.

ÁNALISE DE INDICADORES DO PERFIL DOS JOVENS “NEM-NEM” NO BRASIL EM 2022

EDUARDO RODRIGUES DOS SANTOS

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar alguns indicadores sobre o perfil dos jovens “nem-nem” no Brasil, no ano de 2022. Para atingi-lo o artigo foi dividido em duas partes. Na primeira foi construída uma revisão bibliográfica sobre os jovens “nem-nem” e os materiais de estudos que foram concatenados. Na segunda parte foram analisados alguns dados sobre o objeto da pesquisa. Dentre os resultados obtidos, destacam-se a perpetuação da condição “nem-nem” maior em percentual para mulheres, pessoas de baixa renda e pretos ou pardos.

Palavras-chave: Jovens "nem-nem"; desemprego, inclusão socioeconômica.

Abstract:

The aim of this article is to present some indicators on the profile of "nem-nem" young people in Brazil in 2022. To achieve this, the article was divided into two parts. In the first part, a bibliographical review was carried out on "nem-nem" young people and the study materials that were compiled. The second part analyzed some data on the subject of the research. Among the results obtained, we highlight the perpetuation of the "nem-nem" condition, which is higher in percentage for women, people on low incomes and black or brown people.

Keywords: Young "NEETs"; unemployment, socio-economic inclusion.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão sobre os jovens “nem-nem” é fundamental para o desenvolvimento e evolução de um país, tendo em vista a necessidade de mão de obra cada vez mais qualificada para a criação e utilização de novas tecnologias. Este problema causa um desequilíbrio econômico quando ligado ao mercado de trabalho e centros de pesquisa, defasando projeções positivas relacionadas a produtividade e melhoria de processos dos setores que no mundo evoluem exponencialmente por conta de tecnologias novas.

Diante desse crescimento tecnológico acelerado, surge uma pressão significativa no mercado de trabalho mundial, com a crescente escassez de profissionais qualificados para lidar efetivamente com essas tecnologias. No Brasil, essa carência de qualificação tem gerado dificuldades na obtenção de mão de obra, resultando na oferta de cursos e formações básicas por parte dos empresários. No entanto, a falta de qualificação básica está intrinsecamente ligada ao aumento da evasão escolar no ensino médio, contribuindo para a falta de jovens qualificados no mercado de trabalho.

A análise da parte teórica do artigo revela que, de acordo com estudos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), o Brasil apresenta o segundo maior percentual de jovens "nem-nem", ou NEET's, representando 35,9% da população entre 18 e 24 anos. Esse grupo, que não estuda nem trabalha, reflete a urgência de inserir esses jovens nos estudos, dada a velocidade exponencial da evolução tecnológica. O estudo também destaca a disparidade salarial entre adultos com ensino superior e aqueles que cursaram apenas o ensino médio no Brasil.

Na parte empírica do artigo, examina-se a influência de fatores como a pandemia na evasão escolar, que aumentou consideravelmente devido à necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento familiar. A falta de estrutura para aulas online em escolas públicas também contribuiu para a diminuição do interesse dos alunos, evidenciando as complexas ramificações do abandono escolar. A transição da vida escolar para o mercado de trabalho na faixa etária de 18 a 24 anos é um momento crucial, com efeitos mais acentuados para grupos étnicos e de gênero.

A metodologia adotada no estudo consistiu na análise de dados quantitativos e qualitativos, utilizando informações da OECD e estudos empíricos sobre o perfil dos jovens NEET's. Essa abordagem permite compreender a interconexão entre o rápido avanço tecnológico, a evasão escolar e as consequências para a qualificação da mão de obra, destacando a necessidade de intervenções urgentes para promover a educação e a formação profissional dos jovens brasileiros.

2. CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS NEM-NEM

Diversos estudos como o de Camarano (2012), Freire&Saboia (2021), Monteiro (2013), indicam as graves consequências a longo prazo desse fenômeno dos jovens "nem-nem", que ensejam uma maior probabilidade de desemprego, perca de produtividade no

mercado de trabalho do futuro, uso de substâncias, problemas de saúde, gravidez na adolescência e envolvimento em atividades criminosas. Além disso, jovens que se destacam nessa categoria geralmente vem de famílias mais humildes e enfrentam experiências educacionais adversas, como dificuldades de aprendizado e falta de motivação.

A taxa de desemprego dos jovens é maior do que a taxa dos adultos, devido ao baixo dinamismo econômico, a dificuldade de inserção ocupacional, a escolaridade, a falta de experiência, e as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho junto ao fato do atraso educacional onde os jovens menos escolarizados ficam em condições desfavoráveis. Em períodos de recessão os empregadores, em geral, priorizam desempregados com experiências, por isso os jovens são mais sensíveis aos ciclos econômicos. (Araújo, 2010)

Os jovens enfrentam cada vez mais dificuldades para encontrar empregos, buscando refúgio na inatividade, onde no estudo conduzido por Menezes Filho (2013), provou que a os jovens menos escolarizados compõem uma maior taxa de inatividade que outros mais escolarizados. Isso se deve, em parte, à transição prolongada e mais específica ao indivíduo entre a escola e o trabalho, influenciada por mudanças no mercado de trabalho, aumento da demanda por trabalhadores mais qualificados, práticas flexíveis de emprego e políticas sociais.

Dentre os jovens nem-nem é possível observar dois subgrupos: os inativos e os desocupados. A princípio em ambos dos casos seriam jovens que não estudam e não trabalham, são inativos aqueles que não se encontram em situação de estudo e trabalho formal e não estão buscando ativamente, podendo estar na situação de forma voluntaria por conta de contexto familiar, motivos pessoais, entre outros. Já os desocupados, seriam os inativos aqueles que não se encontram em situação trabalho formal e estão procurando ativamente por trabalho, mas não encontram oportunidades, sendo assim, distintos os determinantes da condição “nem-nem” para cada um dos subgrupos. (Freire & Saboia, 2021)

Segundo Freire & Saboia:

> *Para os jovens inativos, a baixa escolaridade, a presença de filhos pequenos, o casamento, o baixo nível de rendimento domiciliar per capita e a falta de experiência profissional são os*

> *fatores que mais contribuem para a condição de nem-nem. As mulheres possuem mais chances do que os homens de estarem nessa situação. Para os jovens desocupados, os fatores que se destacam são o baixo nível de rendimento domiciliar per capita, faixa etária entre 18 e 24 anos, possuir ensino médio completo ou superior completo, ser a pessoa de referência, possuir outro nem-nem no domicílio e pouca experiência profissional.*(2021, p.830)

Conforme apresentado os jovens inativos se concentram em mulheres que porventura a maternidade e contexto familiar induzem as escolhas sobre trabalho e estudo delas, já a condição de desocupado se refere a algo mais amplo dentre os gêneros tendo a motivação principal baixa renda per capita.

A problemática dos "nem-nem" também apresenta um viés de gênero, com mulheres jovens mais propensas a permanecer em casa para cuidar de irmãos, serem mães ou realizar tarefas domésticas (Camarano et al. 2012). Ser mulher e ter filhos são características associadas à propensão de ser "nem-nem", embora tenha havido melhorias na inserção dessas mulheres no mercado de trabalho, e na escola nas últimas duas décadas no Brasil. Ainda nas palavras dos referidos autores:

> *"As mulheres têm mais chances de ser jovem nem-nem do que os homens, porém essa chance é maior dentro do subgrupo de jovens inativos e na sua totalidade, já que entre os jovens desocupados os homens apresentam maiores chances." (2021, p.829)*

A seção de fecundidade na PNAD (Pesquisa Nacional a domicílios elaborada entre os anos de 2001 a 2013) foi utilizada para analisar a proporção de mulheres com filhos nascidos vivos na mesma residência. Ao longo do tempo, as proporções permaneceram constantes, exceto para as jovens em situação de Nem-Nem, que apresentam uma proporção mais elevada. Isso sugere que ser mãe jovem contribui significativamente para a probabilidade de não estudar, não trabalhar ou procurar emprego, devido às responsabilidades domésticas e de cuidado atribuídas geralmente às mulheres. O estudo evidencia uma queda na proporção de mulheres com filhos, compensada pelo aumento da proporção de homens e mulheres sem filhos, especialmente pelos homens. O IBGE no ano de 2022 considera as tarefas domésticas, incluindo cuidar

dos filhos tendo em vista ser o maior indicador para mulheres “nem-nem”, em suas pesquisas, e há uma tendência de redução nas horas gastas nessas atividades, possivelmente devido ao avanço tecnológico. No entanto, os jovens em situação de Nem-Nem dedicam mais tempo às atividades domésticas. Esse padrão é mais acentuado entre as mulheres, mães e/ou donas de casa entre os Nem-Nem, evidenciando a queda na proporção de mulheres com filhos. Independentemente da situação, as mulheres realizam mais tarefas domésticas que os homens, indicando que essas responsabilidades são frequentemente designadas para as mulheres, especialmente no cuidado com os filhos.

Estudos sobre a tomada de decisão dos jovens entre estudar ou entrar no mercado de trabalho, como Tillman (2016) e Cabanas et al. (2014), destacam a importância de fatores como: família, gênero, renda e escolaridade. Podemos ressaltar que jovens em áreas rurais sul-americanas enfrentam maiores dificuldades de acesso a bens e serviços, o que limita o acesso à educação e ao emprego, resultando em um maior número de jovens "nem-nem" nessas regiões.

A influência significativa da família no desenvolvimento dos filhos destaca a existência de uma transmissão intergeracional de oportunidades, que caso não seja compreendido se alastra por gerações de uma mesma família tanto a presença de oportunidades ou ausência delas. No Brasil, o cerne do problema está no conflito entre trabalhar e continuar a educação formal em escolas de qualidade inferior, resultando em um custo de oportunidade elevado para famílias menos privilegiadas. Isso cria um ciclo vicioso, onde a falta de experiência dos jovens e a exigência de experiência prévia para obter empregos formais resultam em um mercado de trabalho com muitos trabalhadores em empregos informais, baixos salários e escassas oportunidades de promoção. (MAHLMEISTER, 2019)

Em uma análise relacionada ao estudo realizado por Murtadha (2021) a renda domiciliar per capita dos jovens foi avaliada em quintis, representando desde a parcela mais pobre até a mais rica. Ao longo dos anos, observou-se uma maior oportunidade para os jovens estudarem, com uma diminuição das disparidades entre os quintis, especialmente entre aqueles que apenas estudam. Jovens do último quintil são predominantes entre os que estudam e trabalham, enquanto os do primeiro quintil são minoria nesse grupo.

A existência do fenômeno Nem-Nem, composto por jovens que não estudam nem trabalham, está relacionada aos jovens que trabalham, muitos dos quais possuem baixa

escolaridade devido à dificuldade de arcar com os custos educacionais. Entre os Nem-Nem, os jovens do primeiro quintil são majoritários, seguidos pelos do segundo quintil, indicando uma forte ligação entre a condição Nem-Nem e a renda domiciliar, onde quanto maior o quintil, menor a proporção de jovens nessa condição. Essa realidade evidencia a falta de recursos para buscar qualificação no ensino superior, especialmente para as jovens mães que enfrentam desafios relacionados à assistência aos filhos enquanto trabalham ou estudam, o que destaca a desigualdade de renda, desempenhando um papel fundamental na determinação do fenômeno Nem-Nem. (De Almeida & Figueiredo, 2017)

Como resultado, o Brasil enfrenta uma alta taxa de rotatividade no mercado de trabalho para jovens, com uma tendência cíclica na empregabilidade. O combate às causas e consequências apresentadas pelos jovens, especialmente os da geração "nem-nem", está alinhado com as propostas dos Objetivos do Milênio (ONU, 2013), que enfatizam a necessidade de maior igualdade de gênero, inclusão das mulheres na educação, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. Em resumo, buscar melhores condições de vida para mulheres e jovens no Brasil significa contribuir para o desenvolvimento da juventude e reduzir uma das maiores desigualdades de distribuição de renda no mundo.

2.1. Evasão no Ensino Médio

O ensino médio no Brasil tem como objetivo o aprofundamento do conhecimento adquirido pelo jovem no ensino fundamental e o preparo para inserção tanto no mercado de trabalho como no ensino superior, podendo assim influenciar no contexto profissional e acadêmico de profissionais de todas as áreas. O conhecimento adquirido é bem amplo dando uma visão superficial de possíveis áreas a serem exploradas e realmente dominadas no ensino superior, mas o quão eficaz o ensino pode ser caso haja problemas estruturais como na aplicação dos métodos, infraestrutura dos locais de estudo, preparo dos profissionais da educação e falta de recursos para melhoria da transmissão do conhecimento. Diversos determinantes corroboram para a falha no direcionamento dos jovens para uma prosperidade no futuro, levando-os a evasão no ensino médio que podem ser ligados um problema social, socioeconômicos quanto a baixa renda dentro de casa ou até mesmo pessoais onde o jovem passa a ajudar nos cuidados de dependentes. (Lopez de Leon & Menezes-Filho, 2002)

De acordo com os estudos (Lopez de Leon & Menezes-Filho, 2002) as

características econômicas estão diretamente ligadas a evasão escolar, sendo que em famílias com uma renda baixa, há maior probabilidade de evasão escolar, diferente de famílias com rendas maiores, trazendo também ser algo predominante para avanço para o ensino superior onde a renda é algo determinante para o jovem de baixa renda ingressar.

Quando se visualiza a permanência no ensino médio há diferenças entre etnias e gênero, pessoas brancas tem maior tempo de permanência que pessoas negras e pardas, isso se estende para amarelos e indígenas também, se tratando de gênero mulheres tendem a ter maior permanência que os homens, mas esse isso se inverte quando se restringe a adolescentes que já são mães (Neri, M. C. O 2009). Tendo em vista também é observado mais incidência de evasão em áreas rurais e favelas comparadas as metrópoles.

2.2. Contexto familiar e Estado conjugal

A família onde o jovem está inserido é um determinante muito expressivo para o rendimento educacional deste, sendo de extrema importância principalmente na idade de transição para a vida adulta, havendo diferenciação entre os gêneros. A estrutura familiar é também um dos alicerces que vão ajudar na inserção no mercado de trabalho encaminha o mesmo para adquirir sua independência econômica e facilitar sair das casas dos pais ou responsáveis e constituir uma nova família. (Camarano, 2006)

O nível de escolaridade dos pais afeta diretamente o contato com a educação que o filho terá, de acordo com MAHLMEISTER et al. (2019), utilizando dados de comparação de 1996 e 2014, a persistência intergeracional de educação é mais elevada entre filhos de pais com baixa escolaridade do que para filhos com pais com maior escolaridade, sendo assim tem maior probabilidade de um filho de um pai com baixa escolaridade ter a mesma tendência e ocorre para o caso contrário. Mas tendo em vista pais com média de 4 a 6 anos de estudos e 8 a 11 anos de estudos, os filhos de ambos tendem a ter de chegar a mediana de 11 anos de estudos mostrando uma barreira de acesso às universidades apesar de um aumento do aumento de anos de estudos dos filhos comparado a anos anteriores.

Utilizando dados do Censo demográfico entre 1980 e 2000 Camarano et al. (2006), mostrou que em 1980 a participação na vida econômica era comitente a estudar para a faixa etária dos 15 aos 29 anos e em 2000 essas pessoas já se encontravam bem mais distantes dos estudos, agora pegando dados das pessoas tinham de 0 a 9 anos de

idade em 1980 e de 15 a 29 anos 2000, observa-se em homens, um aumento em prol de trabalhar e estudar ou só estudar. Entre as mulheres aumento na participação da vida econômica foi uma condição predominante entre as jovens, tem maior percentual em conciliar estudar e trabalhar comparado aos homens. Fatores que culminam nisso pode-se relacionar com o aumento do tempo passado nas escolas, já nas questões econômicas a maternidade e separações conjugais levaram aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho.

Levando em conta o contexto familiar o trabalho de Camarano et al. (2012) consegue apontar diversos casos em que transição para o mercado de trabalho do jovem é impactada por seu estado conjugal, renda domiciliar, posição no domicílio e no caso das mulheres casamento e maternidade. Utilizando os dados dos Censos demográficos de 2000 e 2010 e das PNADs de 2001 e 2011 mostrou-se que 8.832 mil jovens de 15 a 29 anos não trabalhavam e não estudavam, considerando 17,2% do total da época. Quando se concentra no sexo, os homens tiveram um aumento na condição de nem-nem (11,2%) mesmo assim o percentual de mulheres nesta condição mesmo diminuindo continuou muito acima (23,2%), que se explica por partes pela constituição de família por parte delas e o desempenho do tradicional papel de mãe e dona de casa (61,2% das mulheres que não trabalhavam e nem estudavam em 2010 já eram mães).

2.3. Maternidade e Baixa Renda

Os papéis sociais pré-existentes na sociedade do homem e da mulher direcionam de diferentes formas a vida de cada um dos gêneros, mas com o passar do tempo isso vem mudando com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e atividades econômicas informais tanto quanto nos estudos, onde de acordo com as PNADs de 2022 as mulheres se dedicam mais aos estudos que os homens. Mesmo com esse crescimento da participação feminina evidente nos últimos anos as mulheres ainda lideram o percentual de "nem-nem", sendo apontado como a maternidade um fator crucial que leva a muitas mulheres se dedicarem ao papel de "Dona de Casa" e entregar ao cônjuge o papel de provedor. Segundo Camarano (2012) :

> *Para as mulheres, estado conjugal e maternidade são fatores que parecem associados à condição de não trabalhar e não estudar, o que determinaria uma transição para a vida adulta*

> *"diferenciada" por sexo. Por exemplo, no grupo de mulheres que não trabalhava e não estudava foram encontradas as maiores proporções de mulheres cônjuges, 41,1%, e de mães, 61,2%. Neste último caso, esta proporção superou em muito a segunda mais alta proporção, observada entre as que participavam do mercado de trabalho e não estudavam, 45,3%. Apesar de as mulheres cônjuges predominarem na categoria estudada nos dois anos considerados, esta proporção apresentou uma queda expressiva de 61,0% em 2000 para 41,1% em 2010*. (2012, p. 41)

De forma notória que com o passar dos anos há uma diminuição de casos de mulheres em condição "nem-nem" relacionadas ao estado conjugal, tornando evidente que a necessidade de renda dentro dos domicílios influenciou a queda.

A desigualdade social é fato presente em todos os países, sejam eles desenvolvidos ou em subdesenvolvidos, e determinam que os recursos e oportunidades são maiores para uma classe de pessoas que detém uma renda maior perante a uma classe de renda mais baixa. Os recursos sociais, econômicos e culturais são fatores chave para influenciar jovens de 15 até 29 anos a tomarem decisões importantes em sua vida, dentre elas completar um ensino médio, superior e pós-graduações até mestrados, uma evolução que se estende ao mercado de trabalho onde esses jovens podem evoluir e se desenvolver também.

Sendo assim pessoas de baixa renda estão menos expostas a fatores culturais e sociais que induzam a maioria a valorizar o investimento do seu tempo em estudos e cursos, não apenas isso, a necessidade de uma renda extra para o sustento da família leva jovens de menor faixa etária a ingressar em trabalhos informais para poder ajudar financeiramente dentro do domicílio. Caso haja uma troca entre terminar o Ensino Médio para ajudar no sustento em casa o mesmo acaba ficando à mercê de trabalhos que dão uma remuneração menor a pessoas com essa formação, igualmente replicável aos que completam o ensino médio e não ingressam no ensino superior, este que por sua vez tem uma barreira de entrada maior por conta do alto custo envolvido.

Por mais que existam universidades públicas que dão oportunidades para estes jovens, a falta de recursos e complicações ligadas a qualidade do ensino médio do país gera um déficit muito grande do desenvolvimento intelectual de jovens que frequentam ensino médio público, aos que tem oportunidade de optar pelo particular, chegando no

ponto onde as vagas preenchidas nas universidades públicas são de grande parte não das pessoas de renda baixa de fato e sim das pessoas com renda baixa média a média. Esse desequilíbrio econômico é provado pelos dados que demonstram a grande maioria que se encontra na condição de "Ocupados e não Estudando" e "Nem-nem" são pessoas das famílias mais humildes dos estados brasileiros.

Parafraseando Monteiro (2013), em sua obra:

> *O crescimento econômico e o maior acesso à renda têm efeitos multiplicadores importantes num país em que os serviços públicos de melhor qualidade são mercantilizados, como é o caso do Brasil. Há educação e saúde públicas, mas o acesso a elas tem nítido corte de classe, já que os serviços são considerados de má qualidade. A melhoria na renda leva as famílias a procurar serviços melhores no mercado (escolas privadas, incluindo creches, planos privados de saúde, automóvel em lugar do transporte público etc.), com isso reduzindo, em parte, o peso das desigualdades de acesso à infraestrutura urbana. O adensamento da malha escolar pública e sua extensão a novas áreas geográficas no interior das regiões mais pobres do país tem o mesmo efeito redutor de desigualdades regionais, abstraindo-se, para efeitos dessa discussão, a qualidade dos serviços ofertados.*

A renda tem relação direta com a distribuição de oportunidades, inerente que quanto maior renda tende a conseguir pagar por serviços privados que tem melhor qualidade e estrutura que os serviços públicos que estão dispostos nas áreas urbanizadas, mas isso não tira o mérito da diminuição da desigualdade em áreas mais pobres por conta dos serviços públicos que se encontram estes locais.

De acordo com dados analisados pela Diesse (2022) no "Boletim Emprego em Pauta", jovens de renda menor encontraram maior dificuldade para ingresso no mercado de trabalho formal e quando comparado a jovens com renda maior. Tal discrepância criou uma distância entre os dois polos, concluindo que os jovens baixa renda compõe maior parte dos jovens em condições "nem-nem.

2.4. Contexto Covid-19

Um vírus que se proliferou pela China em meados do final do ano de 2018, consolidando-se como uma crise sanitária mundial em 2019, sendo um marco terrível para a humanidade, tendo levado milhões de pessoas a óbito, além de agravado crises em caso de doenças crônicas, e potencializando casos de doenças geradas por práticas de consumo substâncias lícitas e ilícitas, prejudiciais à saúde. Não apenas uma alerta para a saúde das pessoas a pandemia se estendeu a demonstrar a fraqueza de diversos sistemas econômicos mundiais, expondo a fragilidade e aumentando a desigualdade ente as classes sociais. Nesse viés, todas as classes sociais sofreram de diferentes maneiras, onde as classes baixas e média bem mais que as de poder aquisitivo maior, por conta da discrepante diferença entre os recursos econômicos, tecnológicos e sociais.

A grande maioria dos trabalhos que tiveram grandes levas de demissões em massa foram de empregos de mão de obra braçais, em suma ocupados pela classe baixa renda, tendo casos de pessoas da classe média também. Esse aumento repentino de despensas, levou a muitos jovens a trabalhos informais para a sobrevivência, atraindo qualquer faixa etária que fosse capaz de exercer uma função econômica, e como os idosos eram mais afetados pela COVID, jovens de 14 a 17 anos que se encontravam estudando, se voltaram a trabalhar. A falta de estrutura das escolas públicas, junto a falta de recursos das famílias, criou uma barreira enorme entre os alunos e a escola trazendo longos períodos ociosos, onde não se transmitiram aulas *on-line*, quando transmitidas era feitas em formato de tempo reduzido e a compreensão da matéria por parte dos alunos era muito prejudicada, gerando estresse, ansiedade e desinteresse por parte desses, sendo assim, um motivo a mais para evasão escolar e entrada ao mercado de trabalho informal.

Com a ausência de funções a serem executadas e o isolamento social houve aumento nas taxas de jovens “nem-nem” tanto em questões de trabalhos informais quanto em evasão escolar por conta de cuidados a dependentes, a COVID consolidou possíveis casos de jovens que tinham tendências de entrar na condição e aumentou os casos por conta da diminuição de renda de diversas famílias que se viram sem o provedor empregado levando ao desincentivo da massa jovem trabalhadora.

De acordo com o trabalho de Enid Rocha (2020), a classe nem-nem demonstrou uma maior vulnerabilidade em se tratando de subgrupos, como nem-nem desengajados

do mercado de trabalho que tendem a ter maiores dificuldades de sair dessa situação, que os nem-nem desocupados, ela conclui que uma intervenção poderia considerar a heterogeneidade desse grupo, e combinar medidas de elevação de escolaridade, articuladas às ações de qualificação; de assistência à procura de emprego; de treinamento das habilidades socioemocionais; e de mentorias individuais.

2. CONDIÇÕES METODOLÓGICAS

Para obter mais clareza nas informações a serem concatenadas será utilizado dados das PNADs do ano de 2022, contendo características de idade, gênero e etnia mostrando as suas condições atuais de ocupação e estudo. Os jovens "nem-nem" são definidos por quem não está em nenhuma ocupação de trabalho formal, nem estudando ou fazendo algum curso profissionalizante. Foram analisados os seguintes dados:

1- Ocupados e Estudando;
2- Ocupados e Não Estudando;
3- Não Ocupados e Estudando;
4- Não Ocupados e Não Estudando;
5- Não frequentam a escola, ensino médio ou curso equivalente sem concluí-los;
6- Só frequenta escola;
7- Frequenta escola e trabalha;
8- Não frequenta escola, mas trabalha;
9- Frequenta escola e procura emprego;
10- Não frequenta escola, mas procura trabalho;
11- Não frequenta escola, não trabalha e nem procura;
12- Chefe de família;
13- Cônjuge;
14- Filho/enteado;
15- Outro Parente.

3.1. ANÁLISE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pessoas de 15 a 29 anos de idade, por grupo de idade e situação de ocupação e condição de estudo.

Fonte: IBGE, 2022.

Nos gráficos do 2º semestre de 2022, grande parte dos jovens na faixa de 15 a 17 anos se encontram apenas estudando, cerca de 7,316 milhões, chegando a 92% dos representantes da faixa etária. Percebe-se que a entrada no mercado de trabalho é um quesito determinante para o ingresso ou não ensino superior, pois na faixa dos 18 a 24 anos apenas 36% estudam e da faixa dos 25 a 29 anos apenas 18%, em relação a condição "nem-nem" que representam 19,14% do valor total.

Gráfico 2 -Pessoas de 15 a 29 anos de idade, por sexo e situação de ocupação e condição de estudo.

Fonte: IBGE, 2022.

Levando em conta o gênero, o percentual de mulheres (25,83%) em relação aos homens (14,30%) na condição “nem-nem” se mostra bem superior. Algo que já vem se repetindo em anos anteriores, mantendo-se estável na faixa dos 20 aos 25%, pode-se dizer que motivos que implicam nestes resultados se dão por conta dos papéis sociais dos quais esses gêneros escolhem, principalmente aos que se referem às tarefas domésticas.

Gráfico 3 -Pessoas de 15 a 29 anos de idade, por cor ou raça e situação de ocupação e condição de estudo.

Fonte: IBGE, 2022.

No contexto da questão étnica, podemos observar que atualmente os pretos ou pardos representam 56,58% dos estudantes no país, porém quando em relação aos jovens nem-nem, eles constituem 6 milhões de pessoas, um total de 68,87% mais que o dobro quando comparado aos jovens brancos, apenas 31,13% (3 milhões de pessoas).

Gráfico 4 -Pessoas de 14 a 29 anos que não frequentam escola e que frequentaram no máximo o ensino médio ou curso equivalente sem o completar, por sexo e idade que deixou de frequentar escola pela última vez.

Fonte: IBGE, 2022.

Este gráfico apresenta dados relacionados a jovens que não frequentam a escola, eventualmente ensino médio ou curso equivalente, no enteando, sem concluí-los. Os dados utilizados referem-se ao ano de 2022, relacionados a homens e mulheres entre 16 e 29 anos. Frente a estes dados está demonstrado que: (i) há cerca de 3 milhões de homens na condição evasores do ensino médio, cuja faixa etária varia dos 16 aos 18 anos; (ii) dentre as mulheres essa condição atinge mais de 60%; (iii) na maioria dos casos, a faixa etária coincide com a transição no mercado de trabalho, onde consequentemente a maioria destes jovens se destinam a trabalhos informais para auxílio de renda domiciliar.

Gráfico 5 -Pessoas de 14 a 29 anos que não frequentam escola e que frequentaram no máximo o ensino médio ou curso equivalente sem o completar, por cor ou raça e idade que deixou de frequentar escola pela última vez.

Fonte: IBGE, 2022.

De acordo com o gráfico, a predominância de evasão escolar, atinge em sua maioria, jovens pretos e pardos, constituindo de 120% a 200% a mais se comparado aos jovens brancos na mesma situação. Tal discrepância remete a desigualdade étnica e socioeconômica.

Gráfico 6 -Distribuição proporcional dos jovens que não estão no PEA e não estudam por posição no domicílio e sexo.

Fonte: IBGE, 2010.

Neste gráfico consta uma diminuição significativa de mulheres cônjuges em situação “nem-nem”, junto ao aumento em relação a posição “filho/enteado”. Demonstram os dados que o estado conjugal está diretamente relacionado com a condição “nem-nem” feminina.

Gráfico 7 -Distribuição de jovens de baixa renda, segundo idade, frequência em escola e participação no mercado de trabalho.

Fonte: IBGE, 2021.

De acordo com o gráfico acima, a maioria dos casos de jovens “nem-nem” cresce a partir dos 17 anos de idade, já na faixa dos 18 onde encontram-se em período de transição entre estudo e trabalho, há uma diminuição no que se refere a estudo e foco na procura de trabalhos ou execução de trabalhos sem o estudo aliado.

Reforça-se a ideia que a baixa renda afeta diretamente no estudo, considerando que nos jovens á partir de 20 anos, o estudo se dissipa e permanecendo em índices baixíssimos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição dos jovens "nem-nem" revela um problema muito profundo em relação à cultura e conscientização sobre estudos e trabalho dentro da sociedade, as diversas causas apresentadas são pontuais para a condição de trabalho, estudo ou de ambos podendo influenciar no futuro de quem é atingido por eles. Os estudos apresentados têm resultados muito parecidos com os atuais, como a relação de maternidade e diferenciação de gênero, influência de renda e diferença étnica sobre os casos da condição “nem-nem”, passando apenas por pequenas variações trazendo à tona que essas causas ano após ano não tem políticas aplicadas de forma eficiente.

Entre os indicadores apresentados observa-se uma combinação muito grande quando se trata de renda per-capita, gênero, contexto familiar, etnia, contexto socioeconômico, transmissão intergeracional dos estudos entre pais e filhos. A baixa renda se perpetua como o maior determinante para jovens nem-nem, onde os dados apresentados revelam que maior parte dos casos desde estudos dos anos 2000 até os dias

de hoje estão ligados a essa condição financeira, em relação ao gênero o percentual de mulheres em condição de "nem-nem" está sempre maior que os de homens tendo em vista o papel social ligado a elas dentro da sociedade, mas isso não exclui que houve uma evolução aparente onde o percentual de mulheres estudando é maior que o de homens em diferentes condições.

A família tem papel determinante dentre as causas da condição "nem-nem", a escolaridade dos pais, apoio e dependentes dentro do lar, influenciam na transição da jornada do jovem entre estudo e mercado de trabalho, junto a valorização do estudo guiada pela família e condições financeiras. Em contextos de crise, observa-se um aumento de problemas relacionados ao direcionamento dos jovens, o Covid-19 mostrou que o desengajamento destes provocou um crescimento de inatividade aos mais novos, que desproveem de habilidades socioemocionais, qualificações e homogeneidade dos níveis de educação.

Em conclusão, todos os indicadores que influenciam no aumento probabilístico da condição nem-nem, estão correlacionados, muito embora não seja necessário a presença de todos eles, para o aumento da probabilidade na condição, qual seja, um jovem tornar-se nem-nem. Com relação ao vínculo dentre os fatores determinantes, é certo que para a erradicação do problema, qual seja a condição objeto desse artigo, é necessário que haja aplicação de medidas que remedeiem individualmente cada fator, pois ainda que a maioria desses sejam eliminados, a incidência de um deles sempre incitará a presença dos demais, atuando como um círculo vicioso do problema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliane Cristina et al. **A condição do jovem no mercado de trabalho brasileiro: uma análise comparativa entre o emprego e o primeiro emprego** (1999-2009). Revista Economia & Tecnologia, v. 6, n. 4, 2010.

CABANAS, Pedro; KOMATSU, Bruno Kawaoka; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **Crescimento da renda e as escolhas dos jovens entre os estudos e o mercado de trabalho.** ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA, 2014.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S**. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?** Boletim do Mercado de trabalho. Conjuntura e Análise, Rio de Janeiro, IPEA, v. 53, 2012.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. **Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?** In: CAMARANO, A. A. (Org**.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

DE ALMEIDA, Jessika Brenner Soares Araújo; FIGUEIREDO, Adriano Marcos Rodrigues**. População nem-nem: uma análise a partir dos dados da PNAD 2012**. Revista de Estudos Sociais, v. 19, n. 38, p. 106-129, 2017.

FREIRE, Denise Guichard; SABOIA, João. **Determinantes para a condição nem-nem dos jovens brasileiros: uma análise desagregada de inativos e desocupados.** Economia e Sociedade, v. 30, p. 811-844, 2021.

Indicator A2. **Transition from education to work: Where are today's youth?** | Education at a Glance 2022 : OECD Indicators | OECD iLibrary (oecd-ilibrary.org)

LEON, Fernanda Leite Lopez de; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil.** 2002.

MAHLMEISTER, Rodrigo et al. **Revisitando a mobilidade intergeracional de educação no Brasil.** Revista Brasileira de Economia, v. 73, p. 159-180, 2019.

MENEZES FILHO, Naercio A.; CABANAS, Pedro Henrique F.; KOMATSU, Bruno Kawaoka. **A condição "nem-nem" entre os jovens é permanente.** Policy Paper, v. 7, 2013.

MONTEIRO, J. **Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho.** FGV/IBRE, 2013. (Texto de Discussão, n. 34).

MURTADHA, Nabil A. **Características dos jovens Nem-Nem entre os anos de 2001 e 2014. 2021.**

NERI, Marcelo Cortes et al**. Tempo de permanência na escola.** Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, v. 1, 2009.

TILLMANN, Eduardo; COMIM, Flavio. **Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. 2016.**